FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Emancipação Feminina e Prazer na linguagem da Palhaça Margô

Por Simone Carleto Fontes[1]

Experiência libertadora se dá assistindo o trabalho *Prazer, Palhaça Margô*. Ou seria melhor dizer para participar? Em um mundo onde o riso ainda é negado ao desejo feminino, Margô surge como quem abre as cortinas da vergonha para exibir, com graça e coragem, a potência do prazer, entre desastres calculados, confissões absurdas e provocações escancaradas. Com dramaturgia e atuação de Antonia Aguiar, direção cênica de Adriana Marques, o espetáculo nos ambienta em universo de cabaré, no qual uma vagina gigante é parte da sala de visitas. Duas caixas colocadas ao lado como infância e adolescência, revelarão histórias que podem ser reconhecidas nas vivências e descobertas de cada pessoa do público.

Durante o Festivale, o riso crítico levou também à catarse coletiva, quando mulheres do público se entreolhavam e riam em função das sacadas cômicas de Antonia. Sua peça é de um humor inteligentíssimo, contextualizado na necessidade de afirmação da mulher diante de seu próprio prazer, independente e livre. Fluente em Libras, Antonia faz todo o espetáculo com uma interpretação corporal completa, coreografada, tonificada e com a linguagem de sinais. Sua coordenação para dialogar ao mesmo tempo com três pessoas do público citando seus nomes e associando-os às suas gags é também um destaque muito interessante: um malabarismo mental e interpretativo de causar impacto. Também salta aos olhos a forma desenvolta com que envolve as pessoas participantes nas cenas, deixando-as à vontade e ao mesmo tempo garantindo suas atuações no enredo da obra.

[1] Mestre, doutora e pós-doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo. Professora do curso de Teatro na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Unesp - SP. Professora Formadora e Conteudista do curso de Licenciatura em Teatro a Distância da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Jurada de Teatro da APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes..

A comédia "Prazer, Palhaça Margô", da Cia. Palhaça Margô (São José dos Campos/SP), utiliza a subversão intrínseca à palhaçaria para desconstruir tabus históricos sobre o desejo da mulher. Em um universo teatral onde o riso muitas vezes contornou as complexidades da sexualidade, o espetáculo investiga, com graça e coragem, o conhecimento do corpo e do prazer feminino.

Um dos pontos mais altos da montagem reside nos jogos cênicos com os homens, que servem como espelhos para as expectativas sociais projetadas sobre as mulheres. Um quadro dentro do que chamou “Jornal Vaginal”, convida um homem do público para identificar com plaquinhas as partes da vagina cenográfica que é um sofá na cena: grandes e pequenos lábios, uretra e clitóris. O citado "sumiço do clitóris” se confirmou na sessão, gerando risos incontroláveis das mulheres presentes. O mesmo ocorreu na tentativa de um outro homem encher uma camisinha que serviria de balão para outra brincadeira com o público. A Palhaça Margô ainda garante a funcionalidade pedagógica da obra ao entregar ao homem um mapa da vagina. Recurso igualmente cômico na apresentação. Já para as mulheres, um sorteio entregou um kit da felicidade, com apetrechos para incrementar o prazer feminino.

A narrativa traça uma linha do tempo perspicaz que revisita a passagem da personagem pela infância e adolescência. Nesses recortes, a dramaturgia expõe o peso da autoridade cerceadora recebida de familiares, evidenciando como a repressão e o pudor são moldados desde cedo na vida das mulheres. Contudo, em vez de se render ao drama, a peça transforma essas memórias em combustível para confissões absurdas e provocações escancaradas, desarmando o machismo estrutural através da comicidade.

O espetáculo brinca brilhantemente com o imaginário romântico ao trazer referências a filmes consagrados, como *Titanic*. Nessas cenas, ocorrem hilárias inversões dos papéis de gênero: Margô toma as rédeas das situações de flerte e do "desastre calculado", subvertendo a posição de donzela para assumir o controle absoluto do próprio desejo e da narrativa.

O êxito dessa empreitada artística é inseparável de sua robusta equipe de criação. A dramaturgia e a atuação magnética de Antonia Aguiar dão vida a uma Margô ao mesmo tempo vulnerável e imponente, conduzida por uma direção cênica precisa de Adriana Marques, que calibra o ritmo das gags e a profundidade do tema. A fisicalidade essencial à linguagem do *clown* ganha sustentação no trabalho de preparação corporal de Márcio Douglas. A atmosfera do espetáculo é enriquecida por um design visual e sonoro cuidadoso:

a cenografia de Lua Nucci e Tetê Ribeiro, o figurino de Ana Rodrigues, e os adereços de Juliana Seabra e Ângela Tuti constroem o mundo estético da palhaça, enquanto a sonoplastia de Jorge Neri e a operação técnica de B.R. GABS ditam a pulsação da cena. O projeto se destaca ainda por um compromisso ético com a inclusão, contando com a assessoria de acessibilidade de Jessica Morais e Luis Daniel, e de Libras por Zuleica Amaral. "Prazer, Palhaça Margô" consolida-se como um manifesto cômico que reivindica o riso como um espaço legítimo de emancipação e potência feminina.

Por fim, a afirmação da sororidade vem com a força das manas, que trazem à tona as mãozinhas que estavam precisando de apoio para trazer Margô por inteiro ao mundo. Margô, nós amamos você pelo que você nos faz acreditar com sua força e beleza cênica e artística: que podemos ser o que quisermos e que, para isso, nossa independência e a força do amor, de onde vier, nos bastará para seguir dignas, firmes, belas e cheias de prazer pela vida. Salve, e vida longa ao espetáculo, à Palhaça, à Antônia e toda sua equipe.